



## EM TORNO DE UMA BELEZA INSUPERÁVEL

**Antonia Cristina de Alencar Pires\***

“Os belos meninos trazem  
todos os seus medos  
tanta raiva, tanta angústia  
tudo nos dão generosos  
e tudo fica em silêncio”  
– versos para uma canção, Lucas  
Alves

Na cabana de madeira, nos arredores de Porto Alegre, os olhos verdes movem-se na escuridão rala. Pelas frestas da madeira, junto com a névoa fina de início do inverno entravam alguns raios de sol. O olhar buscava o mostrador de um despertador colocado em cima de um banco.

Eram mais de oito horas. Precisava de um café forte para acabar de acordar. Pensou na avó, uma velha asmática, que dormia no quarto ao lado. Ele despejou a água fervendo sobre o pó no coador. O cheiro do café invadiu o ambiente. Tomou-o em goles grandes, na caneca de louça. Lembrou-se que a avó gostaria de tomar um pouco daquela bebida. Com a xícara nas mãos, entrou no cômodo. Chamou pela avó duas, três vezes. Ela não respondeu. Ele tocou-a de leve. Depois sacudiu-a um pouco. Constatou que estava morta. No fundo esperava por aquele dia. Sabia que as avós morrem sempre aos domingos.

Os telejornais mostravam as imagens gravadas pelas câmeras de segurança de um hotel, um homem alto e elegante saía de um dos quartos. Numa das mãos levava uma maleta e a outra estava enfiada no bolso do casaco. A voz do locutor em *off* informava que o homem era um assassino.

O enterro foi modesto, rápido, quase sem testemunhas, num cemitério das proximidades. Ele voltou sozinho para casa. Sentia-se cansado. Acomodou-se na cadeira em que a avó sentava-

---

\* Antonia Cristina de Alencar Pires estudou na Universidade Federal de Minas Gerais, onde se graduou em Biblioteconomia e fez Mestrado em Literatura Brasileira e Doutorado em Literatura Comparada. Publicou vários artigos em periódicos especializados em Estudos Literários. Publicou também um livro de poemas intitulado *À margem do espelho* e outros poemas dispersos em coletâneas. Já obteve alguns prêmios em concursos literários pelo país. Lecionou, como bolsista recém-doutora, Teoria da Literatura e Cultura Brasileira no Instituto de Letras da UERJ. Atualmente trabalha no Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG e é mãe de Camila, uma bela garota de 12 anos, sua história mais bonita.



se. Olhou em torno. Tudo era tão velho, tão desgastado como a mulher que acabara de sepultar. Do lado de fora as mordidas do tempo também eram visíveis. A cerca de arame em torno da cabana estava enferrujada e as estacas apodrecidas. O mato crescia revoltado. O canteiro de gerânios e narcisos desapareceu. As árvores produziam poucos frutos. Poucas aves ainda ciscavam no terreiro. O rapaz fechou os olhos por alguns instantes. Lembrou-se da época em que passava finais de semana naquele lugar: o pequeno sítio dos avós. Gostava de correr descalço, de tomar banho com água fria da cisterna de pedra, de comer as frutas caídas no chão. Tempos amenos para sempre perdidos na mesa de pôquer. Seu pai, um jogador compulsivo apostava alto. As dívidas cresciam. Para pagá-las hipotecou a casa do Bonfim, onde a família morava. Não pôde resgatá-la. O imóvel já estava vazio quando sob um pretexto qualquer, o pai voltou ao local e enforcou-se com a gravata. Meses depois, a mãe foi velada numa manhã de chuva fina e insistente.

Ele abriu os olhos tentando afastar as lembranças. Fixou-os em uma mesa no fundo da sala. Nela havia algumas esculturas de *papel marché*. Começou modelando máscaras. Depois passou a fazer os gatos. A avó elogiou o bom gosto do neto. “São de uma beleza insuperável”, ela repetia sempre. Uma pequena galeria interessou-se pelas esculturas. Comprava-as regularmente. Nas tardes de sábado os gatos de *papel marché* eram vendidos numa feira de arte, numa praça do centro antigo da cidade. Seu olhar buscava detalhes daqueles felinos imóveis. Pensou nas lendas que cercavam esses bichos. Histórias de mistério e bruxaria. Não eram essas lendas que o fascinavam, mas a natureza daquela espécie animal. A imagem de um felino correndo solitário e saltando de uma grande altura estava impressa em sua mente como uma tatuagem que nunca sai da pele. Vira-a num programa vespertino de TV, devia ter uns oito anos.

Os irmãos do homem morto reclamavam justiça. Além de ter sido assassinado com várias punhaladas, ele ainda fora roubado. O criminoso levou a maleta com o dinheiro e um anel de rubi, uma jóia que estava há tempos na família. Em seguida às falas, as imagens do assassino eram novamente mostradas. Um número de telefone para denúncia e um valor como recompensa eram creditados no rodapé do monitor da televisão.

Ele deixava a água quente cair sobre seu corpo em jatos grandes. Uma figura de mulher surgia em meio à confusão de seus pensamentos. Lívia era sempre o apoio quando tudo se misturava em sua mente. Conheceram-na na galeria. Uma pintora cujas telas enigmáticas e um tanto trágicas, seduziram seu olhar de imediato. Não sabia precisar o tipo de relação que mantinham. Sabia que era algo intenso, que crescia como um buraco, como uma fome imensa. Mas era preciso que aquela relação ficasse em suspenso por algum tempo. Ele iria para o Rio. Lívia ficaria



sabendo disso naquela noite. Ela mesma o incentivara muitas vezes a deixar o sul, a ir buscar oportunidade em outro mercado de arte.

Nas listas de passageiros da rota São Paulo – Nova York, a polícia federal encontrou um nome cuja inicial correspondia a um pré-nome anotado na agenda do homem morto, junto com um número de telefone e a frase “beleza insuperável”.

Da janela do apartamento não era possível ver o mar. Para encontrá-lo, ele andava algumas quadras. Fazia isso todo final de tarde. Ficava contemplando as ondas, o passar das pernas, o movimento dos pneus deslizando no asfalto, os pombos mimetizados com as pedras portuguesas do calçadão. Às vezes lembrava-se dos gatos de *papel marché*. Pensava na galeria. Mas não naquela que expunha suas esculturas. Nesta, que agora vinha lhe à mente, ele era o próprio objeto artístico. Ele e outros rapazes, quase tão belos, vestidos com minúsculas tangas dançavam dentro de jaulas douradas e eram conhecidos como “Leopardos”. Observados por homens de condição e tipo diversos, que se ocultavam na penumbra e na fumaça de gelo seco, os rapazes vendiam a juventude e o corpo. Eram deuses absolutos de um obscuro Olimpo.

Um dos amigos do rapaz que também viera do sul sonhando em ser modelo de uma *griffe* de jeans trabalhava na galeria e, vez por outra, posava para calendários gays. O outro rapaz saiu de Porto Alegre para ser ator de teatro. Conseguira integrar-se a um grupo amador que tentava se profissionalizar. Para se sustentar, ficava nos cruzamentos da Avenida Atlântica, à espera dos clientes que passavam nos carros. Homens e às vezes mulheres querendo experimentar emoções perigosas ou apenas em busca de companhia.

Quando foi morar com eles, o rapaz ainda modelou por algum tempo suas esculturas. Abandonou-as meses depois. Nenhuma galeria demonstrou interesse por seu trabalho. Alguns *marchands* aconselhavam-no a ir morar em Santa Teresa, numa casa que pudesse ser ao mesmo tempo estúdio e *show-room*. Com os dias seu projeto ficava mais distante, ao passo que o universo clandestino e imprevisível dos companheiros de apartamento arrastava-o cada vez mais para si. Deixava-se atrair pelo jogo de máscaras propiciado pela vida dupla. Seus amigos eram socialmente, modelo e ator.

Na jaula da galeria ou nas esquinas da Atlântica, entretanto, eram *ragazzi di vita*. Lera esta expressão nos textos de um cineasta italiano que Lívia admirava. Lembrava se disso toda vez que via os dois saírem para trabalhar. Pensava na ambigüidade em que eles estavam mergulhados.

No outro lado da linha a voz feminina pedia que ditasse o anúncio. O rapaz ficou calado. A telefonista insistiu. Ele respondeu: “artista plástico oferece aos amantes do belo, sua beleza insuperável”. À galeria chegou trazido pelo modelo. As esquinas, porém, dispensou. Vez por



outra pensava como era fácil e rápido entrar no mercado do qual ele passou a fazer parte. De pé no calçadão, às seis da tarde, buscava a linha do horizonte. Seus olhos verdes capturavam o azul do mar de Copacabana. Em meio aos rostos das mulheres que passavam, procurava o de Lívia. Precisava mantê-lo aceso na memória, como o remoto farol que os navegantes esperam encontrar nas noites de tempestades.

Na casa do Morumbi, o empresário de meia idade lia os jornais enquanto tomava o café da manhã. Depois de anos passando os finais de semana em Miami ou Nova York, resolvera ir ao Rio. Precisaria de companhia. Por isso passava os olhos nos anúncios classificados de um jornal carioca. A proposta do artista plástico chamou-lhe atenção. Anotou na agenda o número do telefone de contato e escreveu do lado a frase “beleza insuperável”. Posteriormente o nome do rapaz passou a constar daquela anotação. Horas depois, na suíte em frente ao mar, o empresário telefonou para o escultor. Marcaram o primeiro de muitos encontros. Alguns no rio, outros em São Paulo. A galeria já não integrava a rotina do rapaz. Menos ainda os leitores dos classificados. Tampouco o apartamento da Toneleiros, com latas de cerveja vazias e roupas usadas espalhadas pelo chão, com o ralo do banheiro sempre entupido.

Cinzeiros, copos, garrafas ou qualquer outro objeto acabavam aos cacos, atirados contra as paredes do duplex da Vieira Souto. Aos gritos, o empresário arremessava-os com fúria. Arranhava as pernas e os braços do rapaz com o rubi do anel. A cena se repetia sempre que o amante propunha romper o relacionamento.

Invariavelmente era imobilizado com um murro no queixo ou no estômago. Então chorava, fazia promessas. Iria deixá-lo sair de sua vida, dizia, mas aos poucos, devagar. Não estava acostumado às perdas bruscas. “Os colecionadores de arte não sabem subtrair; só aprendem a somar”, repetia. E novamente afirmava que o rapaz era sua peça mais rara e linda. Mais do que qualquer quadro, vaso de Murano ou anjo barroco de sua coleção.

A primavera em Nova York ainda não se fazia visível. O ar frio e os agasalhos remetiam ao inverno que, pelo calendário, já era findo há vários dias. Com a mão esquerda segurando uma maleta e a direita grosseiramente enfaixada numa atadura, o rapaz caminhava rápido. O hotel ficara para trás. No quarto trancado, o corpo do empresário no chão, perfurado por um punhal. Quando passou pela portaria, o rapaz aparentava tranqüilidade. Sem tirar a mão do bolso do casaco, dirigiu-se ao recepcionista. Informou que seu acompanhante passaria o dia no quarto e não queria ser incomodado.

No banheiro do aeroporto, examinou o corte da mão. Latejava muito, estava inflamado. Enrolou novamente a atadura. No espelho olhou-se demoradamente. Seus olhos estavam



avermelhados e inchados, emoldurados por olheiras arroxeadas. Coberto por um *band-aid*, havia um machucado no maxilar esquerdo que ardia e incomodava. Naquele semblante não havia beleza alguma. Não reconhecia nele o menino que corria descalço no sítio dos avós. Nem o adolescente gentil que cativava as garotas do colégio. Menos ainda o escultor dos gatos de papel marchè. O rosto no espelho era do *ragazzi di vita*. Mais ainda: era do criminoso em que se transformara horas antes. Matara e roubara um homem que, durante um ano, vivera para ele, embriagado por sua beleza, por sua juventude. Bebia-a em grandes goles, como o andarilho sedento que encontra a água que o fará continuar o percurso.

O tom carinhoso da voz de uma senhora, na sala de embarque, trouxe-lhe por um breve instante a lembrança da avó. “Machucou-se meu filho?”. O rapaz respondeu afirmativamente e afastou-se um pouco. Estava tenso. Não queria dar continuidade aquele diálogo. Durante o vôo, pensava no nada que havia sob seus pés. No espaço rarefeito e cinzento seu corpo flutuava. Sua existência era nada também.

Retalhos de cenas buscavam seqüência em sua mente. Abria os olhos e via as cabeças dos outros passageiros. Fechava-os. Ouvia o som incômodo de um filme no vídeo que não interessava a ninguém: pessoas encurraladas em um parque fugindo de monstros jurássicos. Ele, encurralado em si mesmo, sem poder fugir dos seus monstros. Desejava dormir um pouco. Não conseguia. Agora entendia o sentido dos versos de uma canção que Lívia, vez por outra cantarolava. “Ouça um bom conselho/que eu lhe dou de graça/ inútil dormir/ que a dor não passa”.

As imagens do sábado em Nova York insistiam em ficar mais nítidas. A cidade vista do alto no terraço do *Empire State*. Ali lembrou-se de um filme alugado por Lívia, que assistiu numa tarde de domingo, tomando cerveja e comendo sobras de carne assada do almoço. Lívia, como ela mesma dizia, adorava a nostalgia monocromática dos melodramas *bollywoodianos*. Na história do filme, a mocinha pobre marca um encontro com o playboy milionário naquele mesmo terraço. Mas um acidente muda tudo radicalmente em suas vidas. A voz do empresário chamando-o, atirou essas lembranças para longe. No carro, a mão do amante sobre a sua. A chegada na galeria. O exame dos objetos pelo empresário. Entre as antiguidades, o homem interessou-se por um punhal do século dezoito. Lâmina de prata, cabo de ouro, contornado por inúmeras e pequenas esmeraldas. “Combinam com seus olhos”, disse, colocando o punhal abaixo da linha dos olhos do rapaz. O jantar, o cassino, a roleta girando, o dinheiro sendo guardado na maleta.

O Jantar começou a ser servido pelos comissários de bordo. Ele não estava com fome. Recusou com gentileza a bandeja que a moça oferecera-lhe. Queria apenas beber mais um pouco.



A mão latejava. Pequenos tremores de frio percorriam seu corpo. Por instantes teve dificuldade em distinguir a aeronave. Pensava estar no quarto do hotel. Estava confuso. Precisava ordenar o pensamento. Estava com medo de enlouquecer. Veio a vontade de vomitar.

Odilon estava de pé, no meio do quarto, com o copo de uísque na mão. “Este é o último fim de semana que passamos juntos”. A voz do rapaz soou seca e sem vacilação. Num movimento rápido, o empresário aproximou-se do amante e arranhou-lhe furiosamente o rosto com o anel de rubi. Gotas de sangue brotaram rápidas escorrendo sobre a pele. O rapaz sacudiu Odilon violentamente e atirou-o no chão. Arrancou-lhe o anel e jogou-o a esmo. Foi lavar o machucado. Pelo espelho viu o empresário vindo com o punhal. O rapaz segurou Odilon pelos punhos, apertando-os com força. O Punhal caiu no chão. O homem movia a cabeça furioso, tentando morder o amante foi outra vez jogado no chão. Caiu com a barriga para cima. Seus dedos ainda tocaram o punhal. O rapaz foi mais rápido. Pegou a arma e estocou-a várias vezes no empresário, até cortar a própria mão. “Eu não fiz isto, não fiz”, repetia, olhando para o homem agonizante. Os jatos de sangue que saíam do corpo caído e o corte em sua mão, entretanto, impediam-no de enganar-se. Ficou de joelhos por algum tempo. Passou a mão nos cabelos de Odilon. Levantou-se, apanhou uma manta e colocou-a sobre o morto. Os olhos do empresário estavam abertos. Não teve coragem de fechá-los. Tomou um banho demorado. No banheiro havia clorexidina, atadura e *band-aid*. Fez um curativo. Devolveu o punhal ao estojo e guardou-o na maleta. Ao sentar-se na poltrona, encontrou no chão o anel. Ficou observando a jóia, girando-a de um lado para o outro. As cintilações da pedra faziam-no lembrar das vezes que fora arranhado por ela e da cicatriz que, certamente, ficaria em seu rosto. Apertou-o na mão esquerda. Fechou os olhos. A cabeça e o corpo pesavam. Abriu os olhos depois de um tempo estava amanhecendo. O cheiro acre de sangue tomava conta do ambiente. Jogou o roupão sobre a cama. Vestiu-se. Saiu com a maleta. Trancou a porta do quarto e colocou as chaves no bolso interno do casaco. O anel estava ali. No outro bolso, a passagem e o passaporte. Era urgente deixar o hotel.

No primeiro vôo de segunda-feira para Porto Alegre, o rapaz não entendia como ainda era capaz de raciocinar sobre alguma coisa. Diria à Livia que era um assassino, um ladrão, um fugitivo. Não esperava dela nenhuma compaixão. Queria apenas um abrigo temporário. Talvez um abraço. Uma poça de sangue inundou seu pensamento. Nela havia os olhos de Odilon. De algum modo, amara aquele homem refinado, culto, colecionador de arte, possessivo e dominador. Pensava como algumas formas de amor são doentias, ásperas, fatais e como essas



formas são duradouras, pois incrustam-se na história dos indivíduos para sempre. São feridas que crescem e devoram. A Odilon não ensinaram outras formas de amor. A ele também não.

No apartamento de Lívia, acompanhou com ela os noticiários durante cinco dias. Sabiam que ele precisava fugir para longe. A moça iria levá-lo para Antônio Prado. Na cidade mais alta da serra gaúcha, entre o casario de arquitetura italiana e as pedras do calçamento, o tempo transcorria lentamente. O vinho servido no almoço provinha das uvas cultivadas nos quintais. As receitas das massas e dos molhos eram as mesmas há dezenas de gerações. A mãe e o avô de Lívia moravam numa casa grande. O rapaz ficaria com eles. Aprenderia com o velho a arte da marchetaria. Poderia voltar a modelar os gatos de papel marchê. Ficaria ali até que nada mais restasse da história sombria em que mergulhara. Até que os fatos se transformassem em arquivo. Da mídia, da polícia, de sua própria memória. Na volta a Porto Alegre poderia retomar antigos projetos. Usaria o dinheiro que o empresário ganhou no cassino nova-iorquino.

Lívia acordou primeiro. Ainda estava escuro. Um café forte era tudo o que necessitavam antes de irem para a rodoviária. A polícia, pelo alto-falante, anunciou o cerco ao edifício. Na denuncia anônima, alguém indicou o possível destino do rapaz e o endereço de Lívia. Ele não queria, não iria se entregar. Disse à moça que desceria pelo vão de ventilação entre as áreas de serviço. Tentaria alcançar o telhado de um casarão vizinho. "É alto demais, quarto andar, um descuido pode ser fatal" disse desesperada. "Estou sempre com os pés sobre o vazio". Não seria diferente agora. As pontes são improváveis para os da minha condição. É apenas mais um buraco. É apenas mais uma decida.", disse friamente, com os olhos fixos na parede alta da área. Os policiais revistavam, um a um, os apartamentos do primeiro andar. O informante não forneceu o número do apartamento, somente o do prédio. Todo o edifício seria vasculhado. Lívia viu a cabeça do rapaz desaparecer no vazio entre as paredes.

Com as costas apoiadas numa parede e os pés na outra, o rapaz descia cuidadosamente. Havia limo em algumas partes. Outras estavam descascadas ou rachadas. Baratas e lagartixas entravam e saíam dessas fendas. Alguns canos estavam a mostra, como ossos de um esqueleto saindo da tumba. Há quanto tempo estaria descendo? Muitas horas? Dias talvez. Naquele vão o tempo não existia. Presente e passado: uma mistura pegajosa e escura como a geléia de ameixa que a avó fazia, escorrendo pelas paredes da mente. Pela lacuna por onde seu corpo escorregava agora. Vozes, latidos, pratos batendo, água correndo de torneiras, choro de crianças. Estava quase no nível do segundo andar. Um homem, cujo apartamento já fora revistado, equilibrava-se sobre um banco. Estava tirando uma gaiola pendurada no teto. Viu as pernas do rapaz. Um policial que vigiava as escadas foi chamado. Silencioso, subiu no tanque e constatou a descida do



fugitivo. O canto do rouxinol invadiu o vão de ventilação. O rapaz pensou em outro rouxinol. Um que fixara o ninho no pessegueiro do sítio. O Sítio. Um dia voltaria para lá com Lívia. Não para o lugar decadente dos últimos anos. Voltaria para o sítio da infância. Um dia.

Tentando equilibrar-se sobre o muro estreito do primeiro andar, para passar para o telhado, viu dois policiais. Virou-se pra pular para dentro do vão. Tiros. Um corpo em queda. Sirenes quebrando a lassidão da manhã.